

# AS REINVENÇÕES DO MITO DO SACI PERERÊ

Escolha do dia do personagem, em 31 de outubro, foi uma reação ao estrangeirismo representado pela comemoração do Halloween em território brasileiro, aponta professor

**E**m muitas cidades brasileiras, entre elas Vitória, o dia 31 de outubro é dedicado às comemorações do Dia do Saci-Pererê. Não por acaso esta data foi escolhida; nela são acolhidos dois objetivos: dar mais visibilidade a um dos principais mitos do folclore brasileiro e afastar o estrangeirismo representado pela comemoração do Halloween em território brasileiro. Um breve passeio pela História nos revela que tais preocupações não constituem um fenômeno recente.

Em 1917, em meio à Primeira Guerra Mundial, o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) escreve uma série de matérias para a sessão vespertina do jornal "O Estado de S. Paulo", às quais deu o nome de "mitologia brasileira". Através dessas publicações direciona sua crítica mordaz às elites brasileiras que se dobravam à civilização europeia, esquecendo-se da realidade cultural nacional. Logo no início das publicações, Lobato lança a seguinte indagação aos seus leitores: "Você conhece o Sacy?". O retorno foi uma "montanha" de cartas com os mais diversos sacis. Tão vultoso material deu origem ao livro "O Sacy Pererê: resultado de um inquérito" publicado em 1918, primeiro livro publicado por Lobato.

Explicitamente, nosso escritor nacionalista estava dizendo que o modelo europeu de civilização, bélico e carrancudo, não nos interessava. Em contraponto, traz uma figura negra, sem uma perna e transbordante em alegria e traquinagens. A partir de então, o Saci seria uma presença constante na obra do autor, que praticamente o reinventou.

## Funcional

O contexto histórico e a apropriação do mito do Saci-Pererê, descrita anteriormente, nos servem, antes de tudo, para dizer que muitos sacis existiram antes e depois do gênio criativo de Monteiro Lobato. Isso ocorre porque o mito é funcional e



transitório. O Saci é funcional porque vigiava a mata, detinha o poder das plantas medicinais, cuidava de crianças e foi partidário do abolicionismo.

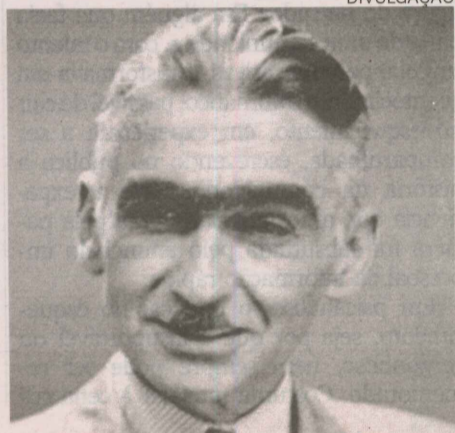
Monteiro Lobato atribuiu-lhe a funcionalidade de ser um símbolo nacional adequado diante do processo de dominação cultural que ameaçava a cultura local.

A existência do Saci depende da necessidade das pessoas e dos contextos históricos a que estão submetidas. Bem acomodado no inconsciente coletivo do povo brasileiro, será lembrado sempre que necessário.

O mito do Saci tem mais de 300 anos e surgiu junto aos tupis-guaranis, na divisa entre Brasil e Paraguai. Nesse mundo primitivo nosso personagem aparece sob a forma de pássaro (Matintaperera) e de um menino indígena comum, um curumim, que possuía uma cauda e era associado à defesa da floresta de qualquer invasor, além de ser grande conhecedor das plantas e do seu poder medicinal. A partir do final do século XVII, foi apropriado pelas negras ex-escravas que eram ótimas contadoras de estórias. Nessa subida ao norte perdeu uma perna e ganhou uma coloração negra e seu inseparável cachimbo e, em algum momento do Brasil Colônia (1531-1822), foi acrescido ao seu figurino o gorro vermelho.

Segundo a historiadora Maria Camargo, o gorro na realidade é um píleo, espécie de boné originário da Roma Antiga e que era entregue a um escravo tão logo ele conseguisse a liberdade. Esse adereço simboliza a liberdade e foi uma contribuição europeia à figura do Saci. Com o píleo, o Saci passou a conter elementos culturais das três etnias que formam a base do povo brasileiro: índio, negro e europeu.

Renato Queiroz, antropólogo que investiga o lugar do mito do Saci-Pererê no imaginário brasileiro, afirma que o Saci era uma presença cotidiana entre as populações escravizadas. Atribuía-se ao Saci determinadas ocorrências que seriam passíveis de punição, dessa for-



**O Saci-Pererê pelo traço de Zirald à (esquerda); acima, Monteiro Lobato, grande divulgador da figura negra tão popular no folclore do país**

ma o escravo procurava sempre se safar. O sociólogo Mouza Benedito da Silva vai além ao classificar como um "comportamento sacizístico" o fato de negros refugiados em quilombos não se conformarem em serem só eles os libertos e invadirem fazendas para libertar outros negros. Conclui dizendo que o mito do Saci é um "mito libertário" e o compara a Zumbi dos Palmares.

## Estágio atual

Segundo o pesquisador João Firmino de Abreu Filho, o atual estágio do mito do Saci é fruto de um processo de apropriação mercadológica do nome e da representação. Processo que se inicia na obra de Monteiro Lobato e seu desdobramento na série de televisão "O Sítio do picapau amarelo" e, posteriormente, nomeando milhares de produtos dos mais variados gêneros. Tanta exposição, aliada às mudanças sociais referentes às conquistas e ampliação dos direitos civis de afrodescendentes e deficientes físicos, cria as condições para a refuncionalização do mito. Tal processo culminou com uma nova visão sobre a "índole" do Saci: de temido passou a ser uma figura simpática e até querida.

DIVULGAÇÃO